

Bandas Covers: nada se cria, tudo se copia

Fãs dos Beatles e de Elvis Presley não medem esforços para manterem vivas a memória e a obra dos artistas

ANA CAROLINA BESSA, CAROLINA MENESCAL, JÚNIA DAMINELLI FERNANDES E PATRÍCIA BARROS



Túnel do Tempo: há 21 anos cantando sucessos dos Beatles

Em meados dos anos 1950, milhões de adolescentes, em todo o mundo, se encantaram com a beleza, o charme, a energia e a bela voz do jovem cantor norte-americano Elvis Presley. Já na década de 1960, um quarteto

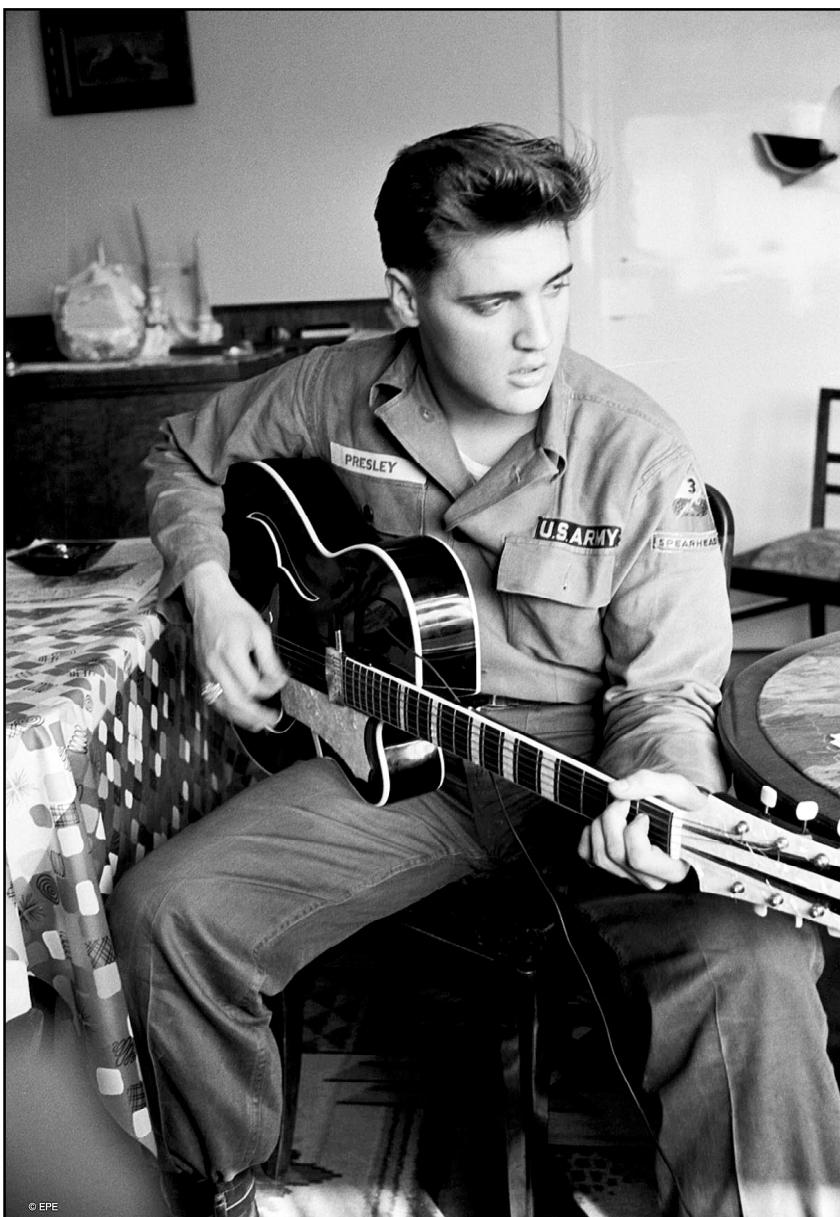
inglês, vindo de Liverpool, balançou a juventude da Europa e dos Estados Unidos. O enorme sucesso conquistado por estes dois mitos do rock ficou eternizado na história da música. Prova disso é que hoje, quatro décadas depois, suas canções continuam tocando

e influenciando antigas e novas gerações. Mais do que isso, esses ícones são responsáveis pela histéria e loucura de fãs que não satisfeitos em apenas ouvirem músicas como *Love me Tender* e *She loves you* copiam o modo de vestir, andar, falar e viver dos artistas.

Com roupas da época e cortes de cabelos iguais aos do quarteto de Liverpool, a banda *cover* dos Beatles, Túnel do Tempo (Luiz Mattos, Pedro Lima, Mario Vitor, Moacir Júnior e Bruno Audi), faz *shows* por todo Brasil e até no exterior. Há 21 anos reproduzindo antigos e inesquecíveis sucessos da banda mais famosa do mundo, estes fãs dos Beatles foram a primeira banda *cover* a gravar um disco no lendário estúdio de Abbey Road, onde eles gravaram a maior parte de suas canções. Além disso, o grupo já marcou presença duas vezes no International Beatle Week, em Liverpool, e tocaram no *pub* Cavern Club, na qual os Beatles fizeram o *show* de estréia, e no Casbah Club.

O fundador da banda, Luiz Mattos, 52 anos, conta que sua paixão pelos Beatles começou nos anos 1960, mais precisamente em 1962, e não parou mais. A partir de então, o "beatlemaníaco" deixou o cabelo crescer e adotou o visual cabelo "lisão" com franjinha. Entretanto, foi apenas em 1982 que ele teve a idéia de montar uma banda *cover*. "Comecei a sentir muita saudade daquela época, então resolvi montar a banda Túnel do Tempo", conta Luiz.

Recentemente, a Túnel do Tempo não tem tido a mesma sorte. Luiz diz que, com o crescente número de bandas que fazem *cover* apenas pelo dinheiro, eles têm tido dificuldades de encontrar lugares com infraestrutura suficiente para tocar. No entanto, o passado da banda é glorioso. A Túnel do Tempo já



Elvis Presley: o rei do rock não morreu

foi a Liverpool – terra natal dos Beatles – sete vezes tocar em um festival de grupos musicais formados por fãs. O convite para participar da homenagem não podia ter sido melhor: partiu de George Martin, produtor da banda inglesa.

Segundo ele, nos anos 1980 ainda não existiam tantas bandas *covers* como atualmente. "Eu me lembro que, nesta mesma

época, fui assistir a um grupo que tocava Beatles. Mas eles trocaram os arranjos e usaram bateria eletrônica. Fiquei super revoltado com aquilo. Afinal, beatlemaníaco é purista, fiel mesmo. Foi a partir deste momento que a nossa banda decidiu que tocariamos com os arranjos originais e usariam roupas parecidas. E, desde então, continuamos assim", lembra Luiz.

Fanelvis

E não é apenas a memória dos Beatles que permanece viva até hoje entre os fãs. Todo ano, a cidade norte-americana de Memphis, no Tennessee, é invadida por cerca de 30 mil pessoas e delegações de mais de 60 países que homenageiam, assistem a concursos e *shows* de imitadores de Elvis Presley, além de visitar Graceland, a famosa mansão que pertenceu ao ídolo. No Brasil, o paulista Walteir Terciani, de 59 anos, fã do rei do rock desde 1957, foi o responsável pela fundação

da Gang'Elvis, grupo que inicialmente funcionava por correspondência e que, hoje, é um dos maiores fã-clubes do cantor no país, reunindo milhares de admiradores do artista, intitulados "fanelvis".

Em 1990, Walteir organizou o primeiro encontro nacional de fãs do cantor, que se tornou uma tradição. "Já estamos no 43º Encontro de 'Fanelvis', que acontece sempre em São Paulo, de três em três meses", explica. As reuniões têm o objetivo de estreitar o relacionamento entre os adeptos de

Elvis e contam com a audição de discos novos, exibição de clipes e *shows* especiais com *covers* do rei. "Às vezes fico saudoso quando lembro dos tempos em que recebia a notícia de um lançamento e ficava meses na expectativa de ouvir ou ter em mãos a novidade. Cada encontro renova essa sensação", confessa Walteir.

Walteir lembra que quando soube da morte de Elvis, em 16 de agosto de 1977, sentiu que o seu mundo iria desmoronar. Apesar da ocorrida, ele afirma que o ídolo "não foi embora, passou a habitar

Inspiração e idolatria

Para a psicanalista Tereza Cristina Miranda, essa idolatria e paixão sem limites por um ídolo são normais. Entretanto, ela afirma que "a partir do momento que você deixa de ser você mesmo para querer ser outra pessoa, isso vira doença". Segundo ela, é natural e saudável, durante a juventude e/ou a vida, termos um modelo – pode ser o pai, a mãe, ou até mesmo um ídolo. Entretanto, quando essa inspiração ou essa idolatria se tornam exagerados, pode se transformar em doença.

Ou seja, quando uma pessoa passa a imitar em todos os sentidos – vida emocional, profissional e psicológica – um cantor, uma banda, um ator, ela pode acabar modificando a sua própria identidade para se tornar mais parecido com o seu ídolo. Tereza explica que "a maioria dos *covers* tem noção de que estão apenas interpretando, imitando alguém. Todos sabem que o imitador não está mentindo, que não está tentando se passar pelo cantor verdadeiro. Nesse caso, eu acho que é a representação de um personagem e isso de certa forma é uma maneira de homenagear o ídolo, desde que isso não passe de uma postura profissional, sem influenciar no comportamento da vida pessoal".

Contudo, alguns fãs deixam de lado esta linha de separação entre o fã e o ídolo e passam a representar também na vida. "Isso ocorre não só com as bandas *covers*, mas em todas as profissões. Alguns exemplos são o presidente da República, que dentro de casa deve ser um pai de família e não uma autoridade que comanda e toma todas as decisões; o psicanalista que analisa a família; o general que



Carolina Menescal

Tereza Cristina: as pessoas têm que saber separar o personagem/trabalho da vida pessoal

cuida da casa como se cuidasse do quartel; o ator que representa o personagem fora de cena. As pessoas têm que saber separar o personagem/trabalho da vida pessoal", esclarece.

Entretanto, em um ponto Tereza não tem dúvidas. Ela afirma que a existência e o surgimento de diversas bandas *covers* de artistas como Beatles, Elvis e Kiss é o resultado de um saudosismo ou de uma tentativa frustrada de recuperar a juventude. "Acho que, ao mesmo tempo em que os fãs tentam manter viva a memória de um determinado artista, eles, inconscientemente, tentam se manter eternamente jovens. Ou seja, ao perpetuar as letras, ritmos, músicas de um determinado artista, eles também mantêm vivos momentos, pessoas e lugares que fizeram parte da sua juventude. Mas também há casos, é claro de fãs que não querem que bandas antigas caiam no esquecimento", conclui.

o coração de todos aqueles que o amam verdadeiramente. Dia apos dia explodia um pouco o Elvis que estava contido dentro do meu peito". Sua vontade de saber tudo a respeito do cantor, assistir os filmes de Elvis dezenas de vezes durante semanas e ir ao maior número de eventos possíveis começou a crescer.

"Elvis ultrapassa os novos tempos e assim o será para sempre, especialmente porque ele tem um valor de voz insuperável e um físico extraordinário. Ele é importante na minha vida e acho que as pessoas deveriam sempre enaltecer suas qualidades que, para mim, são mais do que exemplo, são um referencial", acrescenta Walteir.

Seu amor pelo ídolo não tem limites. Ele chega a afirmar que, quando incorporou o espírito de Elvis, aprendeu a abrir seus horizontes e, por isso, hoje se considera uma pessoa mais feliz. "Com certeza Elvis veio com uma missão especial de união e nós somos a prova viva deste fato. Quero manter sempre comigo a essência do bom e do bem que ele me fez. Sem ele, eu não seria quem sou hoje", admite.

Maquiagem e salto alto

Vale lembrar que essa idolatria

sem limites por um artista não se resume aos quarentões e cinqüentões integrantes da banda Túnel do Tempo, nem ao paulista Walteir Terciani. A idéia de ser como o ídolo também é constante na vida de Victor Santiago. Ele disse que cada vez que sobe ao palco caracterizado como um dos membros do Kiss, sente-se revivendo o passado da banda. "A gente toca em lugares pequenos, da mesma maneira que eles tocavam e a gente tem os mesmos medos que eles tinham na época que começaram. Será que vai dar tudo certo? Será que o público vai gostar da gente? Será que eu vou cair do salto?" Salto? É, além de tocarem vestidos e maquiados como os norte-americanos, eles ainda sobem em saltos de 23 centímetros para incorporar os personagens.

Mas essa não é a única loucura que a banda *cover* Flaming Lips faz para se parecer com o Kiss. Victor contou que chegou a pagar 5 mil reais em uma guitarra igual a do ídolo só para a indumentária do show ficar completa. Todos os músicos da banda tocam com instrumentos originais, ou seja, da mesma marca e modelo que a banda original. O único que ainda não conseguiu

colocar a mão em uma dessas preciosidades foi o baixista. Também pudera: o baixo em forma de machado usado por Gene Simmons, o titular do instrumento na década de 1970, custa em torno de 24 mil dólares.

Mais de cinco minutos de fama

Mas até onde o sonho de ser o ídolo pode ser apenas uma fantasia ou se tornar realidade? O filme *Rock Star*, do diretor Stephen Herek, mostra a trajetória de um fã de uma banda de *heavy metal* chamada Steel Dragon. Chris Cole tem uma banda *cover* com seus amigos e se empenha em ser igual aos seus ídolos, mesmo que isso o afaste dos seus amigos. No entanto Chris vive o seu "dia de Cinderela" quando o vocalista do Steel Dragon resolve deixar a banda e ele é convidado a tomar o lugar do mestre. A bela história poderia ser mais uma das fábulas criadas por Hollywood se não fosse inspirada na vida do cantor Tim "Ripper" Owens, ex-vocalista do Judas Priest. Tim era fã e cantor de uma banda *cover* do conjunto quando foi convidado a ocupar o lugar de Rob Halford, que deixou o Judas Priest por desavenças com os outros integrantes da banda.



Siga o roteiro dos Covers

Café Etílico: Avenida das Américas 7.380, condomínio Rio Mar, Barra da Tijuca. Telefone: 2490-1684

Néctar: Estrada dos Bandeirantes 22.774, em Vargem Grande. Telefone: 2428-1387

Far Up: Cobal do Humaitá/Rua Voluntários da Pátria, 448, Botafogo, loja 1

Rio Rock & Blues Club: Rua Professor Ferreira da Rosa 180, Largo da Barra. Telefone: 8132-8583

Visite o site dos Covers



- www.elvistriunfal.com
- www.fotolog.terra.com.br/fabiofigueiredo
- www.tuneltempo.com.br